



NASALIZAÇÃO: ALGUNS PROCESSOS EM SHANENAWÁ (PANO) (NASALIZATION: SOME PROCESSES IN SHANENAWÁ (PANO))

Gláucia Vieira CÂNDIDO (PG-Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *The Shanenawá language (Pano Family) has 11 vocoids and 25 contoids. Phonologically this language shows 14 consonants and 4 vowels. This paper aims at the analysis and interpretation of the process of vowel nasalization, and, the homorganic assimilation of an underspecified nasal consonant.*

KEYWORDS: *indian languages; Pano Family; Shanenawá phonology; nasalization.*

0. Introdução

A língua indígena Shanenawá (Pano) é falada por aproximadamente 300 pessoas, que se localizam no Município de Feijó, Estado do Acre, Brasil. Em uma análise preliminar dessa língua verificou-se a ocorrência de vários processos fonológicos, dentre eles alguns referentes à nasalização. Neste trabalho discute-se alguns desses processos, especificamente, a assimilação de consoantes nasais e a nasalidade das vogais.

1. Perspectiva Teórica

Em termos de nasalidade, as vogais têm sido classificadas em *nasais* e *nasalizadas*. No primeiro caso, a manifestação da nasalidade é considerada autêntica (pura), ou seja, fonêmica, uma vez que pode estabelecer oposições como a que ocorre em francês entre /bo/ <bon> “masculino” e /bon/ <bonne> “feminino”, segundo Câmara Júnior (1970). Já no segundo caso, trata-se apenas de uma variação alofônica com a vogal oral, pois é resultante do contato com uma consoante nasal adjacente.

Além desses embasamentos na análise dos processos de nasalização utilizar-se-á os aportes teóricos da Fonologia Linear, segundo Clements & Hume, (1995).

2. Os tipos silábicos do Shanenawá

No nível fonológico da língua Shanenawá encontrou-se 4 tipos silábicos que podem ser resumidos na fórmula básica (C)V(C). Ex.: /i.u.a.pa/ ‘grande’ V.V.V.CV; /tu.an.ti/ ‘remo’ CV.VC.CV; /pus.tu/ ‘barriga’ CVC.CV; /P)kin/ ‘nariz’ CV.CVC.

No que diz respeito à constituição interna dos tipos silábicos, todos os fonemas vocálicos da língua podem ocupar a posição de *Núcleo*, e qualquer um dos consonantais, exceto os glides, pode ocupar a posição *Onset*. Já a ocupação da *Coda* se restringe às fricativas alveolar [s] e retroflexa [ʂ] em posição não final de



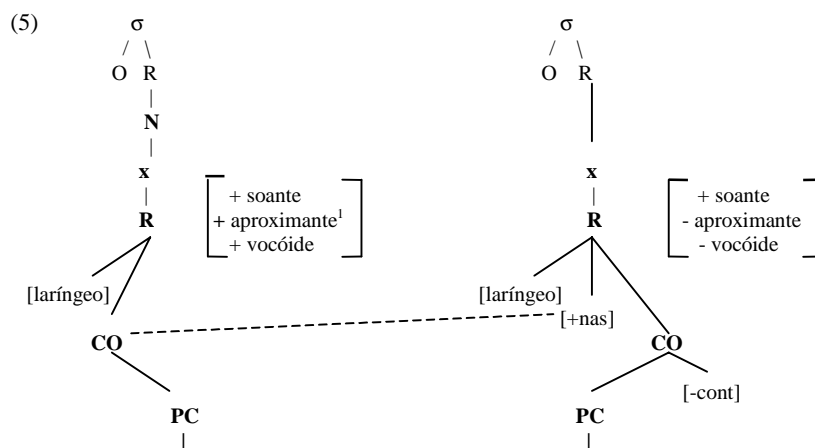
obstruente homorgânica seguinte, ou seja, o traço de ponto não especificado da consoante nasal **PC** (ponto de consoante) associa-se ao **PC** da obstruente.

4. A nasalidade das vogais

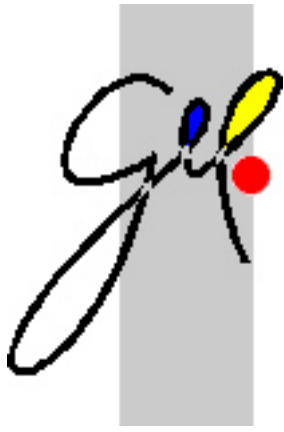
Ainda na análise, ressalta-se preliminar, do inventário vocálico do Shanenawá, verificou-se que dos tipos de nasalidade descritos por Câmara Júnior (1970) e apresentados nas perspectivas teóricas neste trabalho, apenas o segundo manifesta-se nessa língua:

- | | | |
|---------------------------|-----------|---------------------------|
| (4) (a) [Pa.tu)N. u. qu/] | ‘joelho’ | CV. cv)c . CVC |
| (b) [twɛ)n. u ti/] | ‘remo’ | ccv)c . CVC |
| (c) [ɲ)n. u te/] | ‘coração’ | v)c . CVC |
| (d) [pa.hi) u ci/] | ‘orelha’ | CV. cv)c . CVC |
| (e) [Ba.Pju).na. ti/] | ‘relógio’ | CV. CCv).c V. CVC |
| (f) [pja.kɛ).na. u te/] | ‘arco’ | CCV.Cv).c V. CVC |
| (g) [aw.nɛ).ni)n. u ti/] | ‘pilão’ | VC. cv).c V)c. CVC |
| (h) [ɛ). u nu/] | ‘paca’ | v).c VC |

Nota-se que nos exemplos de (a) a (d), acima, a nasalidade é transmitida à vogal pela consoante nasal que está na posição de *Coda* na mesma sílaba (processo tautossilábico). Já os exemplos (e) a (h) demonstram que a nasalidade provém da consoante [+nas] que ocupa a posição *Onset* da sílaba seguinte (processo heterossilábico), como é ilustrado na representação arbórea:



¹ Em Clements & Hume (1995:296), os vocóides são considerados como aproximantes.



Vocálico
|
PV

Vê-se em (5), que o traço [+nas] de uma consoante (que, pode estar tanto em posição tautossilábica como heterossilábica, embora esse exemplo ilustre apenas o último caso) espalha-se regressivamente para a cavidade oral da vogal [-nas].

Diferente do acima exposto, há em Shanenawá casos em que as consoantes nasais ocorrem em posição de *Onsets*:

- | | | | | |
|-----|-----|----------------|----------|---------------------|
| (6) | (a) | [mis.ci.∪ te/] | ‘pedra’ | c) VC.CV.CVC |
| | (b) | [ma.∪ pu/] | ‘cabeça’ | c) V.CVC |
| | (c) | [pɛ.∪ ma/] | ‘pama’ | Cv). c) VC |
| | (d) | [na.∪ i/] | ‘céu’ | c) V.VC |

Como se nota, embora as vogais ocorram adjacentes a uma consoante nasal, não se nasalizam, visto que esta consoante encontra-se à esquerda da vogal. Em suma, a nasalização das vogais em Shanenawá opera do seguinte modo: abrange o domínio da sílaba (posições tautossilábica e heterossilábica) e obedece a direcionalidade direita para a esquerda.

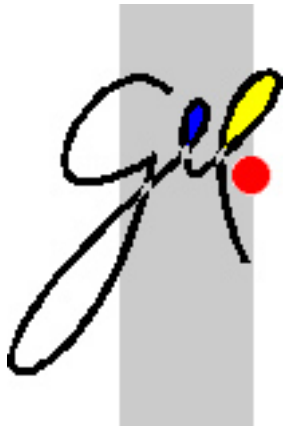
5. As vogais nasalizadas em final de palavras

Além dos dados citados em (6), outros demonstram que a nasalização das vogais ocorre tautossilabicamente, contudo, em final de palavras como em (7):

- | | | | | |
|-----|-----|--------------------|----------|--------------|
| (7) | (a) | [iΣ. ∪ ci] | ‘peixe’ | VC. Cv) |
| | (b) | [Pu. ∪ sɛ] | ‘sal’ | CV .Cv) |
| | (c) | [Pu.tuN. ∪ k]] | ‘morder’ | CV.CVC.Cv) |
| | (d) | [ju .∪ kɛ] | ‘goiaba’ | CV.Cv) |
| | (e) | [na.Pɛ.)na. ∪ hi] | ‘todos’ | CV.CV.CV.Cv) |
| | (f) | [ma. ∪ ♣u] | ‘chifre’ | CV.Cv) |

Em (7) as vogais nasalizadas localizam-se em final absoluto de palavra. Não há oposição entre as vogais orais e as nasais nessa posição ou em qualquer outra. Sendo assim, consideramos que as vogais nasalizadas em final de palavra resultam da queda de uma consoante nasal não especificada, que deixa como testemunho (vestígio) uma vogal nasalizada. Nesse sentido, os itens de (7) serão representados na fonologia como:

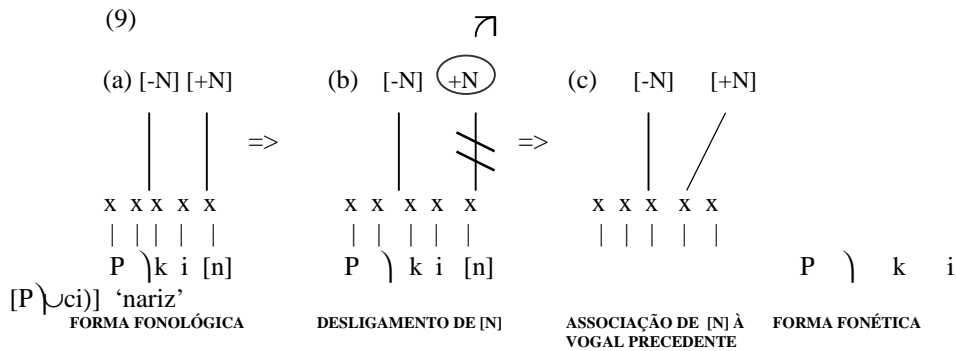
- | | | | | |
|-----|-----|-------------|----------------|----------|
| (8) | (a) | /i♣kin/ | [iΣ ∪ ci] | ‘peixe’ |
| | (b) | /Pusan/ | [Pu ∪ sɛ] | ‘sal’ |
| | (c) | /Putunk)n/ | [PutuN ∪ k]] | ‘moder’ |
| | (d) | /iukan/ | [ju ∪ kɛ] | ‘goiaba’ |
| | (e) | /naPanahin/ | [naPɛ)na ∪ hi] | ‘todos’ |



(f) /ma♣un/ [ma ∪ ♣u] 'chifre'

Um fato relevante do qual é necessário lembrar-se é que em todas as palavras que terminam em sílaba aberta, insere-se a plosiva glotal surda [ʔ] em posição final. Entretanto, quando a vogal é nasalizada, não se realiza a inserção da glotal, ou seja, não se tem seqüências do tipo #...Cv)/#*. Isso pode ser considerado um dado adicional para a admissão de que realmente há uma consoante nasal na posição de *Coda* final. Diante disso, conclui-se que as vogais nasalizadas em final de palavras são o resultado da “evaporação” de uma consoante nasal na forma fonética. Em (9) ilustramos esse processo na derivação da palavra [P \uci] ‘nariz’:

FLUTUANTE



Como é visto em (9a), isto é, na estrutura de base, provavelmente haveria na *Coda* uma consoante nasal não especificada para ponto. Como ela não é licenciada foneticamente, desliga-se de sua posição original, porém, o traço nasal fica flutuante (9b). Esse traço deve manifestar-se na superfície, de modo que se associa a uma unidade passível de ser nasalizada, ou seja, um núcleo silábico (9c). Esse processo está relacionado com o *Parâmetro da Projeção*, que de acordo com Piggott (1988: 147) diz que “a floating autosegment links to the rightmost/leftmost available position”².

RESUMO: A língua Shanenawá (Pano) apresenta um inventário de 14 fonemas consonantais e 4 vocálicos. Uma análise preliminar desses sons demonstrou alguns processos fonológicos interessantes, dentre os quais foram selecionados alguns, tais como a assimilação de consoantes nasais em posição de *Coda* e a nasalidade das vogais.

PALAVRAS-CHAVE: línguas indígenas; Família Pano; Fonologia Shanenawá; Nasalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

² Ou seja, “um segmento flutuante deve ligar-se a uma posição não ocupada na direita ou na esquerda.”



- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂNDIDO, Gláucia V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1998.
- CLEMENTS, George & HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (ed). *The handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell, p. 245-306, 1995.
- PIGGOTT, Glyne. The parameters of nasalization. *McGill working papers in linguistics*. V.5, n.2, p. 128-77, 1988.